

12^o interprogramas de mestrado Faculdade Cásper Líbero

BELA, RECATADA E DO LAR: CONSUMO E ESPETACULARIZAÇÃO DA INTIMIDADE NO DISCURSO DO JORNALISMO CONTEMPORÂNEO.

Daniela Reis do Nascimento¹

Resumo:

Este artigo investiga o uso da intimidade de figuras associadas à política nacional no discurso do jornalismo contemporâneo. Para tanto, recorre às obras de Sennett, Thompson e Sibilía a fim de discutir os sentidos das noções de “público” e “privado”. Em seguida, trataremos de esfera pública e consumo por intermédio de Habermas e Bauman. O pensamento de Muniz Sodré acerca da “estetização da política” nos auxiliará a refletir sobre a conexão entre os campos da política e da comunicação. Para fins heurísticos, ilustraremos a problematização realizada por meio de um perfil de Marcela Temer publicado no site da revista Veja em 2016.

Palavras-chave: Intimidade. Política. Perfil. Público. Privado.

Introdução

Se recuperarmos a história do jornalismo impresso, é possível notar que cabe à seção comumente conhecida como “perfil” a tarefa de retratar um indivíduo de forma aprofundada. Ferrari e Sodré (1986) definem esta modalidade de texto jornalístico como o enfoque na vida de uma pessoa – que pode ser uma celebridade ou um tipo popular – em que o focalizado é o protagonista da narrativa de sua própria vida. Por meio de artifícios como o resgate biográfico, o depoimento de conhecidos e a descrição da vida pública da personagem em questão, o repórter empenha-se em delinear a trajetória e a personalidade de uma figura de presumível relevância para a sociedade.

Entretanto, é provável que um observador dedicado a avaliar criticamente o conteúdo veiculado em reportagens que se detenham sobre um indivíduo não demore a notar que parte considerável das informações não coincide com o critério de interesse público previsto no

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano da Universidade Federal Fluminense (UFF).
E-mail: dani_reis8@yahoo.com

12^o interprogramas de mestrado Faculdade Cásper Líbero

Código de Ética² da profissão. O perfil “Marcela Temer: Bela, recatada e do lar” – publicado no site da revista *Veja* em 18 de abril de 2016 –, por exemplo, torna explícitas informações relativas à intimidade da atual primeira-dama do Brasil.

De acordo com perspectivas deontológicas que circundam o jornalismo, o conhecimento sobre o casal Temer, poderia facilitar a compreensão do cenário vigente em que se encontra a política nacional. Todavia, diante dos preceitos elencados pelo Código de Ética, pode-se questionar até que ponto a exposição da vida privada deve ser legitimada pelo fundamento da relevância pública. É possível discernir limites entre o que é pertinente para a coletividade e o que se constitui como banalidade? À primeira vista, o conteúdo apresentado parece não cumprir qualquer função social que justifique a sua publicação em uma revista de jornalismo.

Com o intuito de refletir sobre esta questão propomos como método o desenvolvimento de um diálogo entre autores que abordem temáticas pertinentes à investigação sobre o uso da intimidade nos perfis jornalísticos. À guisa de exemplo, ilustraremos alguns dos conceitos que marcam o debate por meio do perfil “Marcela Temer: Bela, recatada e do lar”. Elegemos especificamente a matéria publicada na internet devido à grandiosa repercussão que esta versão alcançou nas redes. Logo após a publicação, foi possível detectar milhares de postagens no *Twitter*, *Facebook* e *Instagram*: a maioria das manifestações apresentava tom de ironia ou de crítica explícita em relação à reportagem. Feitas estas observações introdutórias, é possível avançar para uma breve observação do desenvolvimento histórico dos conceitos de “público” e “privado”.

Os sentidos de público e privado

Sennett (2003) demonstra como, ao longo da história, distintas práticas sociais foram substituídas por novas tipificações, mais condizentes com os valores propostos por sociedades de períodos históricos posteriores. Se na Londres de Hogarth e na Paris de David, por exemplo, as pessoas tinham a expectativa de abordar outros cidadãos ou de serem abordadas

² Disponível em <http://www.abi.org.br/institucional/legislacao/codigo-de-etica-dos-jornalistas-brasileiros/>
Acesso em 14 ago. 2016, às 11:59.

12^o interprogramas de mestrado Faculdade Cásper Líbero

por estes na rua, a partir do século XIX o “silêncio passou a resguardar a privacidade” e “os transeuntes tornaram-se ciosos do direito de não sofrer a interpelação de estranhos” (p.277).

Consolidavam-se, então, novos modelos de conduta para o sujeito nos espaços privado e público, que se distanciavam dos modelos vigentes no século XVIII, quando não somente o público significava uma vida que se passa fora do contato com a família e os amigos íntimos, como incluía também um campo da vida coletiva “em que grupos sociais complexos e díspares teriam que entrar em contato inelutavelmente” (SENNETT, 2014, p.35). Ainda que esta perspectiva do encontro com o diferente se faça presente, em algum grau, no senso comum que circula pela sociedade contemporânea, o autor aponta como a ênfase adquirida pelo âmbito privado no cotidiano eclipsou o âmbito público na vida do homem moderno.

Thompson (2012) identifica mais de um sentido para estes conceitos. Em sua primeira concepção, o público se qualificaria como a atividade relativa ao Estado tais como as organizações estatais ou paraestatais. Em oposição a isto, o privado consistiria nas atividades ou esferas da vida separadas do Estado, como as organizações econômicas privadas e as relações pessoais e familiares. Posteriormente, o autor delinea outro sentido possível para esta distinção, no qual define o privado como “o que se esconde da vista dos outros, o que é feito em privacidade ou segredo ou entre um círculo restrito de pessoas” (2012, p. 112). O público, por sua vez, representaria “o que é visível ou observável, o que é realizado na frente dos espectadores” (2012, p.112).

O cotidiano, muitas vezes, parece realizar movimentos contraditórios. Se por um lado, a sociedade em geral passou a se resguardar mais a partir do século XIX, por outro esta tendência de tornar invisíveis para o grande público certos aspectos da vida parece ter atizado a curiosidade dos indivíduos em relação à intimidade alheia.

No fim do ano passado, Marcela pensou que esperava o segundo filho, mas foi um alarme falso. “No final, eles acharam que não teria sido mesmo um bom momento para ela engravidar, dada a confusão no país”, conta tia Nina, irmã da mãe de Marcela. Ela se refez do sobressalto, mas não se resignou – ainda quer ter uma menininha. (Site

12^o interprogramas de mestrado Faculdade Cásper Líbero

da *Veja*³).

O trecho acima demonstra uma tendência de subverter a invisibilidade prevista nos alicerces da cultura moderna em relação a acontecimentos tradicionalmente relegados ao âmbito privado. Quando se trata do que o senso comum define como “pessoas públicas”, ou seja, personalidades que alcançaram a fama e se consolidaram como celebridades, esta inclinação parece ter sido institucionalizada na realidade cotidiana e frequentemente é endossada pelas próprias personalidades em questão.

Hoje em dia, porém, não é somente a vida privada dos famosos que povoa a esfera pública, mas também as particularidades dos indivíduos anônimos, que a partir do ciberespaço se encaminham para preencher cada vez mais o imaginário social. Ainda que com visibilidade mais restrita do que na mídia tradicional, atualmente qualquer usuário de uma rede social na internet pode, com facilidade, expor a sua intimidade para outros indivíduos. No cotidiano capitaneado por *Instagram*, *Facebook*, *Twitter* e outras plataformas, mesmo as discussões de caráter coletivo parecem ganhar contornos particularizados.

Tudo aquilo que antes concernia à pudica intimidade pessoal tem se “evadido” do antigo espaço privado, transbordando seus limites, para invadir aquela esfera que antes se considerava pública. O que se busca nessa exposição voluntária que anseia alcançar as telas globais é se mostrar, justamente: constituir-se como um personagem visível. Por sua vez, essa nova legião de exibicionistas satisfaz outra vontade geral do público contemporâneo: o desejo de espionar e consumir vidas alheias. (SIBILIA, 2010, p. 53).

A distinção de público e privado constituída com base na ideia de visibilidade parece um tanto quanto inadequada quando notamos que as ações tradicionalmente resguardadas da vista de outrem são voluntariamente expostas nas redes sociais. A resposta do ciberespaço ao perfil da *Veja* parece indicar esta mudança. É possível supor que estejamos vivendo um período de transição, no qual novos parâmetros sobre os domínios públicos e privados se esboçam no tempo presente. Embora seja forçoso reconhecer que a intimidade que ocupa as

³ Disponível em: <http://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/> Acesso em 20 ago. 2016, às 13:30h.

12^o interprogramas de mestrado Faculdade Cásper Líbero

redes sociais, muitas vezes, é menos espontânea do que aparenta, não se pode negar que as fronteiras entre vida pública e vida privada tenha adquirido fluidez.

A esfera pública

Assim como Sennett (2014), Habermas (2003) observa que a natureza da vida pública se alterou drasticamente do século XVIII ao XIX, e ainda mais fortemente no século XX. Os autores convergem em apontar que a esfera pública burguesa foi esvaziada de seu originário caráter coletivo, o que resulta no que Sennett (2014) define como o declínio do homem público: neste cenário de exaltação da vida privada, as formas de sociabilidade e de participação política na contemporaneidade seriam orientadas, majoritariamente, sob a égide dos interesses particulares e das relações de intimidade.

Visto que a família se consolidava como o modelo ideal dos vínculos sociais, toda a relação marcada pela impessoalidade adquiriu ares de inferioridade frente aos laços mais estreitos. Como consequência, gradualmente, a vontade de moldar a esfera pública se desgastou para dar lugar à perspectiva de que é necessário se proteger deste domínio público. Em decorrência ao crescimento do recolhimento e da apatia em relação ao diferente, a família constitui-se como um dos escudos com os quais o sujeito se protege das ameaças do mundo.

A busca por vínculos de intimidade ditaria até mesmo a conduta dos indivíduos em relação a figuras com as quais dificilmente a maioria da população chega a manter contatos face a face. Sennett (2014) assinala que persiste no senso comum a tendência a focalizar mais em traços da personalidade de proeminentes ocupantes de cargos políticos do que nas atividades realizadas por estes no domínio público. Segundo o autor, esta predisposição a tratar das complexidades sociais em termos psicológicos cria distorções no campo político na medida em que questões sobre etnia, classe e religião são relegadas ao segundo plano. A intimidade cristalizou-se como o aspecto supremo de interesse dos indivíduos.

Desde o título, o perfil da *Veja* sugere que o enfoque da matéria será na intimidade da retratada. Em vez de enfatizar questões de interesse público, ou seja, aquelas com potencial de influenciar no cenário político e, conseqüentemente, nos acontecimentos que afetam a

12^o interprogramas de mestrado Faculdade Cásper Líbero

coletividade, a reportagem se restringe à vida doméstica do casal. É o que podemos perceber no seguinte trecho:

Há cerca de oito meses, por exemplo, o vice-presidente, de 75 anos, levou Marcela, de 32, para jantar na sala especial do sofisticado, caro e badalado restaurante Antiquarius, em São Paulo. Blindada nas paredes, no teto e no chão para ser à prova de som e garantir os segredos dos muitos políticos que costumam reunir-se no local, a sala tem capacidade para acomodar trinta pessoas, mas foi esvaziada para receber apenas “Mar” e “Mi”, como são chamados em família. (Site da *Veja*⁴).

O emprego dos apelidos de Marcela e Michel parece revelar um esforço para exibir traços de familiaridade que substituam o tradicional distanciamento da cerimônia política. A reportagem exhibe as minúcias do cotidiano da perfilada: idas a restaurantes sofisticados, presença constante de seguranças e realização rotineira de procedimentos estéticos. O perfil aparenta se esforçar para transformar estas atividades aparentemente banais e corriqueiras em eventos dignos de cobertura jornalística. Trata-se de uma possível espetacularização do dia a dia de Marcela Temer: o veículo tenta transformar um cotidiano ordinário para o interesse público em acontecimento extraordinário.

O retrato de uma personagem, indica Boas (2003), pode irradiar um contexto histórico-social mais amplo ou encarnar situações e emoções que reflitam questionamentos gerais e a própria natureza humana. A descrição de atividades de Marcela, no entanto, reflete uma realidade na qual dificilmente a maior parte da população se sentiu representada, tanto por seu aspecto luxuoso quanto pela valorização de um ideal de mulher restrita aos domínios do lar. A reação estrondosa dos indivíduos nas redes sociais parece demonstrar que as pessoas não se identificam com as referências apresentadas pela matéria.

Em outro ponto a reportagem demonstra o tanto hábito de enfatizar em características privadas, psíquicas ou puramente estéticas das figuras públicas apresentadas, quanto a idealização de um padrão de mulher: “Marcela sempre chamou atenção pela beleza, mas

⁴ Disponível em: <http://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/> Acesso em 20 ago. 2016, às 15:42 h.

12^o interprogramas de mestrado Faculdade Cásper Líbero

sempre foi recatada’, diz sua irmã mais nova, Fernanda Tedeschi. ‘Ela gosta de vestidos até os joelhos e cores claras’, conta a estilista Martha Medeiros⁵”.

Habermas (2003) define que, originalmente, a esfera pública burguesa era formada por um público de pessoas privadas que construíam a opinião pública com base na racionalidade do melhor argumento e fora da influência dos poderes político e econômico. Apesar do surgimento promissor, esta teria sido refeudalizada pelo estado – à exemplo da convergência das discussões públicas em torno da nobreza na Idade Média – e pelos compromissos com os interesses privados da burguesia. Por conseguinte, a coesão pública se rompeu e tanto o potencial de debate crítico quanto o sustentáculo coletivo que estiveram no cerne da esfera pública burguesa teriam se deteriorado.

Consumo, intimidade e civilidade

Bauman (2001) define o período histórico da Modernidade em que nos encontramos como “modernidade líquida”. O derretimento dos sólidos, uma marca constante da modernidade, teria adquirido novos sentidos na contemporaneidade e os sólidos a derreter-se no presente seriam “os elos que entrelaçam as escolhas individuais em projetos e ações coletivas” (p.12). Estaríamos, por conseguinte, vivenciando uma versão privatizada e individualidade da modernidade.

Neste contexto, o autor parece fazer uma ponte com algumas das análises de Sennett (2014) ao argumentar que o meio urbano se afastou dos parâmetros de civilidade, pois já não oferece aos cidadãos a oportunidade de compartilhar de um bem comum, que seja maior do que os desejos particulares. A constante pressão para que os cidadãos revelem particularidades próprias ao convívio íntimo seria outro sintoma do abandono da civilidade, uma vez que, em grande parte das cidades, não parece mais ser concebível que existam interações sociais localizadas fora da órbita da família e dos amigos mais próximos.

Nos espaços públicos e não civis, prossegue Bauman (2001), a atividade cotidiana seria capitaneada pelo imperativo do consumo, e não pelo favorecimento da interação. Além

⁵ Disponível em: <http://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/> Acesso em 20 ago 2016, às 16:10 h.

12^o interprogramas de mestrado Faculdade Cásper Líbero

das relações sociais, o autor constata o esvaziamento da civilidade também no âmbito da política de estado e recorre a Tullock para advertir que “os eleitores são muito parecidos com consumidores e políticos são muito parecidos com homens de negócio” (TULLOCK, in BAUMAN, p.147).

Ao resgatar o pensamento de Habermas (2003) podemos aprofundar ainda mais a reflexão sobre esta proposição, pois em uma esfera pública refeudalizada pelos interesses privados e pela presença opressora do estado, a política não se consolidaria como o que Sodré (2002) define como um espaço para a “expressão contraditória dos múltiplos interesses em jogo” (p.39) e assumiria, cada vez mais, as demandas de figuras que ocupam ou se associam a quem ocupe cargos de poder. No trecho do perfil que se segue, por exemplo, o atual presidente interino aparece como um sujeito humanizado e amoroso e tenro:

Marcela Temer é uma mulher de sorte. Michel Temer, seu marido há treze anos, continua a lhe dar provas de que a paixão não arrefeceu com o tempo nem com a convulsão política que vive o país – e em cujo epicentro ele mesmo se encontra. (Site da *Veja*⁶).

No que se refere aos eleitores, é possível sugerir que destituídos de seu papel de cidadãos, os indivíduos parecem simular a participação política através do consumo de encenações espetaculares construídas e difundidas tanto pela mídia quanto pelo próprio corpo político. Em uma aparente aproximação com o pensamento de Habermas (2003), Sodré (2002) argumenta que este cenário tornou-se propício para “chegar ao fim a coincidência entre as dimensões do espaço público e do espaço político” (p.39). Ele considera que o advento da mídia é responsável pela ampliação técnica da esfera pública, o que não implica no alargamento da ação política, que parece avançar justamente no sentido oposto.

Mídia, política e estética

Quando descrevemos o imaginário social sobre o campo da política como esvaziado de racionalidade e impregnado por cenas de intimidade, podemos considerar que a dimensão

⁶ Disponível em: <http://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/> Acesso em 20 ago. 2016, às 18:05 h

12^o interprogramas de mestrado Faculdade Cásper Líbero

do sensível aparenta estar em voga no noticiário cotidiano. O pensamento de Sodré (2006) acerca da predominância cada vez maior da perspectiva do sensível na comunicação de massa encaminha-nos para férteis vias de reflexão quanto à natureza do nosso objeto de pesquisa.

O pesquisador observa que o conhecimento assume, em grande parte, a forma de imagens e que para efetivá-lo exigem-se processos ligados às emoções. Neste contexto, a emoção fácil é o produto com o qual a cultura de massa adula o público: estas emoções estariam a serviço de novos modelos de identidade coletiva e reduziriam a ambivalência da experiência humana a ideais pré-fabricados. A identificação prazerosa das massas com o valor de troca do espetáculo, elucida o autor, abriria caminho para o consumo como uma nova forma de relação social, cuja substância seria a objetificação da vida interior dos indivíduos.

O estímulo constante às sensações somado ao esvaziamento da esfera pública seriam algumas das causas do isolamento sensorial do homem contemporâneo sob a rede gratificante do consumo e representariam o avatar do individualismo ocidental. Segundo Sodré (2006), a indiferença em relação ao outro e aos grupos sociais culminaria na atrofia da representação popular, que costumava ser a base da sociedade democrática e o motor político do espaço público.

O espaço público da contemporaneidade é cada vez mais construído pelas dimensões variadas do entretenimento ou da estética, em sentido amplo, cujos recursos provêm do imaginário social, do *ethos* sensorial e do subjetivismo privado. Profundamente afetada pela esfera do espetáculo, a vida comum torna-se médium publicitário e transforma a cidadania política em performance tecnocrática. (SODRÉ, 2002, p. 40).

No jornalismo colado ao mercado, a dimensão do sensível seria passível de observação nos casos em que o texto se torna mais importante do que o fato que reproduz; o visual harmônico predomina sobre a veracidade; e a palavra destaca-se mais do que a informação. De acordo com o pesquisador, a mídia não se define como um mero instrumento de registro da realidade, e sim como um dispositivo de produção de certo tipo de realidade espetacularizada, isto é: elaborada para a excitação dos sentidos.

Ainda que se constitua como outra, esta realidade seria formada por imagens capazes

12^o interprogramas de mestrado Faculdade Cásper Líbero

de reproduzir com verossimilhança o cotidiano, o que garantiria a impressão do real. O seguinte trecho do perfil da *Veja* pode ilustrar tanto a tentativa de despertar sensações e emoções, quanto a reconstituição de um acontecimento que impregne o relato com ares de veracidade:

Amigos do vice contam que, ao fim de um dia extenuante de trabalho, é comum vê-lo tomar um vinho, fumar um charuto e “mergulhar num outro mundo” – o que ocorre, por exemplo, quando telefona para Marcela ou assiste a vídeos de Michelzinho, que ela manda pelo celular. (Site da *Veja*⁷).

A realidade espetacularizada, que a todo tempo nos atravessa, geraria impactos na nossa subjetividade e Sodré (2006) observa que, inseridos em um processo civilizatório norteado por imagens, “começamos de fato a nos inquietar com o mistério da realidade sensível de todos esses signos visíveis e sonoros que administram o afeto coletivo e também a nos indagar sobre o encaminhamento político de nossas emoções”.

Saflate (2015) é outro pesquisador que se questiona sobre o direcionamento político das emoções. Ele aponta que em sociedades individualistas – como parecem ser as democracias liberais contemporâneas – o que transforma uma quantidade amorfa de pessoas em uma identidade coletiva “é a força afetiva de identificação a um líder capaz de se colocar no espaço próprio aos ideais do eu que serão individualmente partilhados” (p.100). Longe de significar o recrudescimento do que Habermas (2003) define como esfera pública, ao longo da história, a adoção destes ideais comuns em torno de um líder autoritário, muitas vezes, refletiu uma patologia paranoide coletiva fundamentada pelo medo social, comumente difundido pela própria liderança.

Apesar de se adequar perfeitamente aos governos totalitários, esta lógica autoritária não se restringiria a eles. O autor alerta que o autoritarismo é uma latência mesmo para as democracias liberais, posto que, até os dias de hoje, inexistente uma democracia que não tenha sucumbido a regressões autoritárias periódicas. A fim de discutir sobre os meios para evitar

⁷ Disponível em: <http://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/> Acesso em 20 ago. 2016, às 18:05 h

12^o interprogramas de mestrado Faculdade Cásper Líbero

este tipo de adversidade, Saflate (2015) ressalta a necessidade do indivíduo que ocupa o espaço simbólico do poder aparecer “como um significante vazio” (p.116). Tal vacuidade seria decisiva para a constituição de sujeitos políticos. Somente a partir da ausência se tornaria possível “instaurar o povo como modelo de identidade coletiva baseada na multiplicidade” (SAFLATE, 2015, p.116).

Ainda que reconheça a relevância de não preencher o imaginário social com traços da personalidade dos líderes, o autor nota a impossibilidade da política se realizar sem qualquer nível de incorporação. Segundo Saflate (2015), precisamos substituir o unitário, pleno e místico corpo do autoritarismo pelo despedaçado, turbulento e verdadeiro corpo político. Esta incorporação não se daria necessariamente por meio de um líder personalizado, mas através de um grupo ou de uma estrutura política.

Considerações finais

Ainda que brevemente, ao longo deste artigo pudemos nos indagar sobre o encaminhamento da intimidade de sujeitos políticos na mídia contemporânea. Dedicamo-nos mais especificamente a examinar os sentidos, fundamentos e posicionamentos do perfil “Marcela Temer: Bela, recatada e do lar”, publicado no site da revista *Veja*. Para cumprir com esta tarefa precisamos compreender o panorama geral em que a questão da intimidade e a comunicação de massa se encontram.

Primeiramente, verificamos como a deontologia e a ética do jornalismo sustentam a validade de se apresentar aspectos da vida pública e da vida privada de figuras que ocupem posições de destaque na sociedade. Os códigos de conduta da profissão, no entanto, parecem concordar que essa exposição só pode prosseguir enquanto irradiar um contexto social mais extenso ou trazer conteúdos que atendam ao interesse público.

A vivência do cotidiano, porém, pode demonstrar, sem muitas dificuldades, como estas orientações são seguidamente desrespeitas pelas empresas de comunicação. É possível que parte disto se deva ao alto teor de subjetividade que rodeia o conceito de interesse público. Contudo, parece ainda mais provável que o desprezo seja motivado por posicionamentos

12^o interprogramas de mestrado Faculdade Cásper Líbero

políticos, pela inserção dos veículos e por tentativas de incutir o desejo pelo consumo nos indivíduos.

O quadro teórico que delineamos nos capacita a sugerir ainda que o retrato da privacidade no complexo midiático responde as lógicas de espetacularização e de esvaziamento político que ditam os rumos da sociedade contemporânea como um todo. Nesse sentido, a mídia exerceria, por um lado, uma função de destaque no fortalecimento e intensificação destas lógicas. Por outro lado, a própria comunicação de massa seria também um efeito destas racionalidades. Estas institucionalizações se constituiriam como um processo retroalimentar no qual o desenvolvimento do capital, o panorama histórico e a constituição da subjetividade moderna se configurariam tanto como produtos quanto como produtores dessas formas de atuar e perceber o mundo social.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2001.

BOAS, Sergio Vilas. **Perfis e como escrevê-los**. Summus Editorial, 2003.

FERRARI, Maria Helena; SODRÉ, Muniz. **Técnica de Reportagem: Notas Sobre a Narrativa Jornalística**. São Paulo: Summus Editorial, 1986.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

LAGE, Nilson. **A estrutura da notícia**. São Paulo: Editora Ática S.A., 1987.

LINHARES, J. Marcela Temer: bela, recatada e do lar. **Veja**, Brasil. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/> Acesso em 20 ago.2016.

SAFATLE, Vladimir. **O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo**. SP: Cosac & Naif, 2015.

SIBILIA, Paula. **Celebridade para todos: um antídoto contra a solidão?** Ciência & Cultura, Campinas, vol. 62, no. 2, pp. 52-55, 2010.

SENNETT, Richard. **Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SENNETT, Richard. **O declínio do homem público: as tiranias da intimidade**. Rio de Janeiro:

12^o Interprogramas de Mestrado em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero

<http://www.casperlibero.edu.br> | interprogramas@casperlibero.edu.br

12^o interprogramas de mestrado Faculdade Cásper Líbero

Record, 2014.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do Espelho**: uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis: Vozes, 2002.

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis**: mídia, afeto e política. Petrópolis: Vozes, 2006.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**: Uma teoria social da mídia. Petrópolis: Vozes, 2012.

Código de ética do jornalismo. Disponível em: <http://www.abi.org.br/institucional/legislacao/codigo-de-etica-dos-jornalistas-brasileiros/> Acesso em 14 ago. 2016.